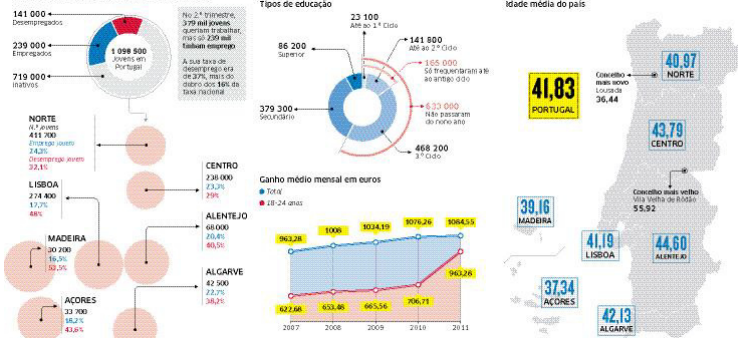


GERAÇÃO SEM TRABALHO // 37% NÃO TEM EMPREGO

Madeira e Lisboa acima da média nacional, com metade das pessoas de 15 a 24 anos sem conseguirem trabalho • São mais qualificados, mas ganham menos

DESEMPREGO AFETA MENOS OS JOVENS DO NORTE E CENTRO

//RETRATO NACIONAL DOS JOVENS



REPORTAGEM DE Alexandra Figueira afigueira@jpi.pt

Os empregos de verão ajudam a aliviar o desemprego entre os mais novos. Mas, ainda assim, perto de metade na Madeira e Lisboa não tem ocupação. Menos mal está o do Centro e Norte do país.

As cafés e restaurantes, hotéis e agricultura podem ser a razão pela qual, no segundo trimestre do ano e face aos meses de janeiro a março, menos 25 mil jovens estavam desempregados e, por outro lado, mais dez mil trabalhavam (a diferença correspondia a quem desistiu de procurar

trabalho, foi estudado o emigrar, por exemplo). A melhoria de verão só amortece o cenário negro com que se deparam os jovens (entre os 15 e os 24 anos). Na Madeira, mais de metade está desempregada e a situação em Lisboa é quase tão má. O Centro e o Norte surgem melhor, com uma taxa de desemprego a rondar os 30% - ainda assim, o dobro da média total nacional de todas as faixas etárias. Em todo o país, no segundo trimestre, 140 mil jovens estavam desempregados, uma taxa de 37%.

O Instituto Nacional de Estatística não esmiúça as características dos desempregados por escolaridade, mas diz que 730 mil pessoas passavam recibos verdes e 637

mil eram contratadas a prazo. Havia ainda 270 mil obrigados a trabalhar em part-time (podem entrar a receber, aqui ou nos quadros). E as informações dadas por movimentos de combate à precariedade deixam claro que os jovens são os mais atingidos. Da mesma forma, os salários dos jovens são mais baixos, apesar de, por norma, serem mais qualificados do que os mais velhos. É certo que a maioria ainda sai da escola com, no máximo, o nono ano, mas Portugal tem percorrido um longo caminho no aumento da escolaridade. A título de exemplo, diga-se que só 2% dos jovens não fizeram mais do que a antiga quarta classe. Acima dos 45 anos, a percentagem dispara para 57%. •

4 PERGUNTAS A //CARLOS FÁRIA

“Sair está em aberto”

Carlos Faria é doutorando em Engenharia Biomédica no Minho e recebeu o ‘Best Student Paper Award’.

Portugal é um bom país para se ser jovem?

É cada vez menos. O endividamento e a falta de investimento refletem-se no desemprego, o que mais afeta a qualidade de vida. Há pouco trabalho e que há é mal remunerado, olhando às qualificações exigidas pelos empregadores.

O que vai fazer depois do doutoramento?

Gostava de ficar em Portugal, mas quando acabei o curso pesquisei empregos e encontrei mais no estrangeiro. Não queria, mas emigrar é uma hipótese em aberto. Em Portugal havia pouca oferta. Foi por isso que continuei a estudar?

Foi uma das razões. Também quis emigrar e criar uma rede de contactos que me será útil no futuro.

Pelo que vê à sua volta, os seus amigos encontram trabalho mais facilmente?

Não, pelo que vejo só encontram trabalhos esporádicos e mal remunerados.



O DESEMPREGO e a instabilidade profissional são realidades para as quais os jovens estão cada vez mais alertas. Têm consciência e sabem que terão que lidar com elas no futuro, pelo que a maioria já terá mais capacidade para enfrentar e até para lhes “dara volta”, procurando outras soluções.

“A instabilidade é um dado adquirido”, ao invés de ter um emprego, que passou a ser apenas ter “um lugar de trabalho” que pode ser múltiplo e rotativo, diz ao JN Victor Sérgio Ferreira, sociólogo, Observatório Permanente da Juventude da Universidade de Lisboa.

O também vice-coordenador do Observatório Permanente da Juventude admite que “a migração e a diáspora são opções que se põem com realismo”, e já não com o “dramatismo” com que eram vividas há alguns anos pelos pais dos jovens, e até encara-as como boas experiências.

O investigador lembra que o desemprego juvenil em Portugal foi substancialmente superior ao desemprego global (é atualmente de 37%, contra os 16% de desempregador), mas admite que o aumento dos últimos anos (a população jovem inativa passou de

Uma geração que lida melhor com a instabilidade e com a partida

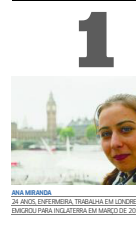


Victor Sérgio Ferreira, sociólogo, Observatório Permanente da Juventude

36,8% para 44,1% de 2011 para 2011 e para 65,5% em 2012) é um sinal da complexidade do emprego, em simultâneo com o facto de se passar mais tempo a estudar.

O investigador admite que “é cada vez mais difícil a inserção profissional” lembra que ela é tanto pior quanto mais novo se entra no mercado laboral e com menos qualificações. “Se o diploma já não é uma garantia inquestionável de que se vai ter um emprego, continua a ser um instrumento de defesa”, diz, e se vingando no estrangeiro.

O sociólogo admite que só a reativação da economia vai permitir alargar o mercado e baixar o desemprego juvenil. De acordo com dados divulgados em julho pelo Eurostat, o gabinete de estatísticas da União Europeia, Portugal registou em 2012 uma taxa de desemprego juvenil de 37,7%, a quarta maior entre os 28 estados membros, com os três primeiros lugares a pertencerem à Grécia (55,3%), Espanha (51,2%) e Croácia (43%). Só no ano passado, 121 mil pessoas deixaram o país, sendo 6300 profissionais altamente qualificados. GMA PEREIRA



ANA MIRANDA, 21 ANOS, ENFERMEIRA TRABALHA EM COIMBRA

Única opção foi emigrar. Voltar é sonho distante

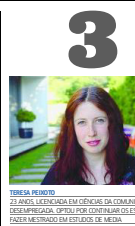
M andou centenas de currículos desde que acabou o curso na Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, em julho de 2011, e não teve uma única resposta. Rapidamente percebeu que teria de sair do país e da proximidade da família para conseguir trabalhar como enfermeira, a única profissão que queria. Em janeiro de 2012, Ana Miranda, 24 anos, natural de Famalicão, conseguiu a cédula profissional inglesa e em março mudou-se para Birmingham, para um hospital que, meses antes, tinha vindo a Portugal recrutar 75 enfermeiros. Entretanto, mudou-se para o Whiggs Cross University Hospital, em Londres, para estar mais perto dos transportes e poder levar a família. E passou a ser a companhia do namorado, designer, que também se mudou para Inglaterra. “Tive de ser”, responde, quando se lhe pergunta se está contente com a opção, admitindo que o sonho de regressar “está cada vez mais distante” face às notícias que ouve do país. No hospital onde trabalha, e onde recebe em média 2100 euros/mês, estão mais 40 portugueses. “A mão de obra portuguesa, não só de enfermagem, é sempre das melhores”, diz, admitindo não entender como irá a economia crescer se os portugueses vão para fora. ANA PEREIRA



RICARDO COUCEIRO DA COSTA

Biólogo investiu na mecatrónica para ter trabalho

R icardo Couceiro da Costa perdeu a conta ao número de currículos que enviou para todo o país, Europa e EUA, desde que terminou a licenciatura em Biologia Marinha e Biotecnologia, em Leiria, em 2006. “Foi um bem mais de 200”, estima, despondido por não conseguir concretizar o sonho de criação e seguir a tradição de Jacques Cousteau. “Vagar de barco e com hecer espécies é um fascínio, mas as circunstâncias obrigaram a fazer escolhas. Ou sair de Portugal ou procurar noutros países”, explica o biólogo de 31 anos, a residir numa propriedade familiar, em Vilhinho, Cacia, Aveiro. A família e a falta de respostas aos currículos ditam que, para já, a emigração seja a segunda opção. Saiu do país sem ter colação prévia “é um risco grande”, adição por não ter despesas com residência, família para sustentar e o segundo emprego temporários noutros países. Desde que concluiu a licenciatura, trabalhou em fabricas de pescado, pasta de papel, cerâmica e saneamento. Fez um curso de Técnico Especialista em Tecnologia Mecatrónica e, em dezembro, concluiu o estágio numa celulosa. “Nesta área, tenho mais possibilidades de conseguir emprego”, lamentando ainda não ter conseguido a estabilidade financeira. ZULIA COSTA



TERESA PEREIRA

Continuar a estudar para fintar o desemprego

T eresa Pereira, licenciada em Ciências da Comunicação pela Universidade da Beira Interior, apostou em fazer mestrado em Estudos dos Media e do Jornalismo na Universidade do Porto para combater as dificuldades que tem para conseguir o primeiro emprego. As boas notícias com que concluiu a licenciatura não foram, para já, sinónimo de empregabilidade para a jovem de Santo André, concelho de Vizeira. O relatório do estágio que fez num jornal de Lisboa está a ganhar forma e deve ser apresentado no fim do ano, mas a busca de emprego já começou. “Enviei currículos para muitas empresas”, revela. Não recebeu respostas negativas. Não recebeu, aliás, resposta de ninguém. “Isso deixa-nos mais tristes. Podiam responder e dizer que não somos necessários ou não temos qualificações suficientes”. Nos tempos livres, ajuda a família no restaurante, a Mariquinhas, no Minho. Cliente de que se respondeu para sair de lá não chegou, Teresa só espera fazer a defesa da tese para “entregar os currículos pessoalmente”. Espera que, assim, aumentem as probabilidades de exercer a profissão para a qual estudou e sonha exercer. Se pudesse escolher, preferiria a imprensa, devendo ao gosto simultâneo ao jornalismo e escrita. DELFINA MACEDO



LUÍS MADRUGÃO

Concorrer à universidade a acreditar no futuro

Q uando acabar os estudos, quero arranjar trabalho em Portugal. Apesar das dificuldades económicas e do aumento do desemprego, acredito que o nosso país tem potencial para aproveitar”. Luís Madrugão é um otimista. Aos 19 anos, prestes a entrar para a Universidade em Lisboa, acredita que, quando acabar o curso, vai conseguir emprego. E para aumentar as hipóteses de conseguir um trabalho que decidiu seguir os estudos, em vez de tentar encontrar uma ocupação remunorada após o seu currículo. Quando imagina o seu futuro, o jovem de Alfagade, Amadora, não pensa na emigração. “Temos de aproveitar que é nosso só se for mesmo necessário, e não houver outra saída, é que pretendemos emigrar”, diz. Luís queria inicialmente seguir Comunicação Social Mas, como não tinha média suficiente, optou por se candidatar ao curso de Direito na Universidade Nova, como primeira opção. Acredita que oferece mais saída do que outras áreas. “Permite escolher uma boa profissão no futuro, como juiz ou advogado”. O jovem vê o ensino superior como a continuação de um ciclo. “Aqueles que vão para a faculdade são privilegiados e acredito que quem está a apostar na formação vai ser bem sucedido no futuro”. • LUIS MADRUGÃO